

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 14, número 2 (2023)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Do Ontem ao Amanhã: Protagonismos Femininos e Espacialização de suas Atividades no/do Quilombo Dona Juscelina

*De Ayer a Mañana: Protagonismos Femeninos y
Espacialización de sus Actividades en/del Quilombo
Dona Juscelina*

*From Yesterday to Tomorrow: Female Protagonisms
and the Spatialization of their Activities at/from
Quilombo Dona Juscelina*

Elaine da Silva Sousa

Universidade Federal de Goiás – Brasil
elaine.sousa@discente.ufg.br

Marcileia Oliveira Bispo

Universidade Federal do Tocantins – Brasil
marcileia@uft.edu.br

Como citar este artigo:

SOSA, Elaine da Silva; BISPO, Marcileia Oliveira.
Do Ontem ao Amanhã: Protagonismos Femininos e
Espacialização de suas Atividades no/do Quilombo
Dona Juscelina. **Revista Latino Americana de
Geografia e Gênero**, v. 14, n. 2, p. 140-159, 2023.
ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Do Ontem ao Amanhã: Protagonismos Femininos e Espacialização de suas Atividades no/do Quilombo Dona Juscelina

De Ayer a Mañana: Protagonismos Femeninos y Espacialización de sus Actividades en/del "Quilombo Dona Juscelina"

From Yesterday to Tomorrow: Female Protagonisms and the Spatialization of their Activities at/from "Quilombo Dona Juscelina"

Resumo

Este artigo apresenta resultados de pesquisa realizada no Quilombo Dona Juscelina, localizado no perímetro urbano da cidade de Muricilândia-TO, às margens da rodovia TO-222, na região Norte do estado do Tocantins, cujo objetivo foi identificar as protagonistas femininas e espacializar suas atividades no/do Quilombo Dona Juscelina. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa com uso de procedimentos metodológicos a partir de pesquisas bibliográficas, depoimentos pessoais com gravação de áudio em entrevistas individuais, por meio do uso de recursos e plataformas digitais, com intuito de respeitar às normas de distanciamento em razão da pandemia da COVID-19. Os resultados apontam que as protagonistas femininas estão inseridas em vários espaços da comunidade e da sociedade, com cargos e protagonismo.

Palavras-Chave: Protagonismo; Mulher; Espacialização; Quilombo.

Resumen

Este artículo presenta resultados de una investigación realizada en el Quilombo Dona Juscelina, ubicado en el perímetro urbano de la ciudad de Muricilândia-TO, a orillas de la carretera TO-222, en la región Norte del estado brasileño de Tocantins, cuyo objetivo fue identificar a las protagonistas femeninas y espacializar sus actividades en/del "Quilombo Dona Juscelina". La investigación tiene un enfoque cualitativo utilizando de procedimientos metodológicos basados en la investigación bibliográfica, testimonios personales con grabación de audio en entrevistas individuales, mediante el uso de recursos y plataformas digitales, con el fin de respetar a las normas de distanciamiento por la pandemia de la COVID-19. Los resultados indican que las protagonistas femeninas se insertan en diversos espacios de la comunidad y de la sociedad, con posiciones y protagonismo.

Palabras-Clave: Protagonismo; Mujer; Espacialización; Quilombo.

Abstract

This article presents results of the research carried out at Quilombo Dona Juscelina located in the urban perimeter of the city of Muricilândia-TO along the TO-222 highway in the northern region of the state of Tocantins, whose objective was to identify the female protagonists and spatialize their activities at/ from "Quilombo Dona Juscelina". The research was developed in a qualitative approach using methodological procedures based on bibliographical research, personal testimonies audio recorded in individual interviews using digital resources and platforms in order to respect the rules of distancing due to the COVID-19 pandemic. The results indicate that the female protagonists are inserted in various spaces of the community and society, with positions and protagonism.

Keywords: Protagonism; Woman; Spatialization; Quilombo.

Elaine da Silva Sousa, Marcileia Oliveira Bispo



Considerações iniciais

A Comunidade Quilombola Dona Juscelina está localizada no perímetro urbano da cidade de Muricilândia-TO, às margens da rodovia TO-222. A comunidade não é urbana e luta pelo seu território ancestral. A cidade de Muricilândia-TO e a comunidade do quilombo Dona Juscelina têm o mesmo processo de construção histórico e geográfico: os pioneiros da localidade chegaram na década de 1950 e se instalam às margens do Rio Murici. Na década de 1960, Lucelina Gomes dos Santos chega com sua família.

Nascida na cidade de Nova Iorque-MA, em 1930, Lucelina que tem como nome social Juscelina, o qual é adotado nestes escritos, traz em seu percurso várias outras cidades até chegar a Muricilândia-TO. Ela migra para Pastos Bons-MA, depois para Cristalândia-TO e depois chega às margens do Rio Murici (Oliveira, 2018). Junto aos que se encontravam ali, constroem a cidade e a comunidade quilombola.

Dona Juscelina sempre foi uma liderança na cidade e no quilombo, e seus saberes e fazeres construíram uma territorialidade. Tornou-se a matriarca e liderança feminina de um quilombo que leva seu nome.

Infelizmente, no mês de julho de 2021, Dona Juscelina faleceu na cidade de Araguaína-TO, localizada a 63 Km da sua comunidade/cidade. A presença física não está mais na comunidade, mas a sua memória e seus ensinamentos estão presentes no cotidiano de cada quilombola, da comunidade e os seus desejos seguem sendo realizados.

Dona Juscelina foi e continua sendo uma grande liderança para seu povo e para todos que a conheceram. Ocupando sempre o papel de liderança e conduzindo a comunidade com grande sabedoria, permitiu que outras mulheres também ocupassem outros papéis dentro do quilombo. Nesse sentido, o artigo aqui apresentado tem como objetivo identificar as protagonistas femininas e espacializar suas atividades no/do Quilombo Dona Juscelina¹.

As lideranças femininas quilombolas participantes desta pesquisa são: Lucelina Gomes dos Santos, Cícera Vieira de Almeida, Rosa Mirtes Pereira de Souza, Amária Campos de Sousa, Mayra Chaves Borges, Silvânia Gomes Ferreira, Ludimila Carvalho dos Santos, Maria Idelvânia Ferreira Tupinambá, Monaliza Borges de Almeida, Francisca Gomes dos Santos Silva, Lucilene Gomes Nascimento, Ana de Jesus Brito de Abreu, Betânia Vieira da Silva. Os dados apresentados são referentes ao biênio 2019-2020.

Essas lideranças femininas estão presentes em vários espaços do Quilombo Dona Juscelina: Conselho de Griôs, Coletivo de Juventude Griôs Aprendizes, Presidentas da Associação da Comunidade Quilombola Dona Juscelina (ACQDJ), grupo de dança Negras Mariamas, Coordenadora da Percussão/Bateria, Espaços Externos (NEAQ).

No intuito de chegar ao objetivo proposto, adotamos uma pesquisa de cunho qualitativo usando de instrumentos tais como: pesquisa de campo – através de

¹ Este artigo é parte dos resultados obtidos a partir da pesquisa de dissertação de Mestrado realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG), campus Porto Nacional da Universidade Federal do Tocantins, concluída em 2021 e intitulada Protagonistas de sua História: territorialidades femininas da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO, de autoria de Elaine da Silva Sousa; com orientação de Mariléia Oliveira Bispo.

uma observação participante com intuito de identificar e conhecer as lideranças femininas da comunidade quilombola; pesquisa bibliográfica – trazendo uma contextualização acerca de pesquisas com temáticas de gênero na ciência geográfica, ressaltando os enfrentamentos e procurando estabelecer uma interseccionalidade entre as questões que se fazem pertinentes nesse contexto da comunidade; história oral – entrevistas que permitem uma maior aproximação da vivência de cada protagonista.

Respeitando as normas de distanciamento em razão da pandemia da COVID19, as entrevistas ocorreram com o uso de recursos e plataformas digitais, contando com a gravação de áudios autorizada pelas mulheres. Cada participante teve liberdade de fala e autonomia sobre as questões levantadas, bem como poderiam, caso desejassem, encerrar a conversa a qualquer momento.

A partir do objetivo proposto e da metodologia adotada, os tópicos que compõem esta pesquisa relacionam a geografia com as mulheres do Quilombo Dona Juscelina e, por fim, apresentam a espacialização de suas atividades, compreendendo as mais diversas esferas nas quais estas estão inseridas.

Geografias femininas e mulheres quilombolas

A construção de uma pessoa, de um grupo e/ou comunidade e de uma sociedade passa por vários momentos e está em constante transformação. O conhecimento que é adquirido por cada pessoa/sujeito permanece em constante evolução ao vivenciar, por meio de outras pessoas, realidades que diferem de sua construção inicial. Passado de uma geração à outra pelas mais variadas formas e de acordo com a necessidade de cada época e grupo, o conhecimento permite-se ser reconstruído e construído diversas vezes.

Dentro dessa possibilidade de construção e reconstrução, as relações são analisadas de acordo com a intencionalidade e o conhecimento que forma cada sujeito pesquisador e o grupo do qual faz parte. Se a construção do conhecimento se faz diariamente, não seria equívoco dizer que, por muitas vezes, as análises sobre determinados grupos trouxeram em seus resultados uma realidade que nem sempre compreendeu todo o processo do acontecido, permitindo que uma parte da história não estivesse presente quando a mesma fosse contada.

É difícil encontrar relatos da história de vida e da trajetória de uma mulher, mas isso não quer dizer que tal história não exista e dentro de algumas áreas da produção do conhecimento, esse é um caminho que não tem permitido muitos passos femininos. Dentro dessa possibilidade de construção atrelada à geografia, ciência na qual esta pesquisa se perfaz, torna-se necessário e indispensável compreender o processo de construção de visibilidade atrelada à existência da mulher no contexto nacional, iniciado no internacional, e como este se coloca dentro da Geografia.

Trazendo algumas considerações sobre a história do movimento feminista no Brasil, apontado “como um movimento social que defende igualdade de direitos entre homens e mulheres em todos os campos” (Alves; Pitanguy, 1991, p. 15), Andrade (2016) relata três momentos da institucionalização do movimento no nosso país: desmobilização, em meados da década de 1960,

devido ao Golpe Militar de 1964; ressurgimento em 1970, em um contexto marcado pela contestação ao regime militar; e novas formas de organização em grupos num movimento de repensar seus pressupostos teóricos, a partir da década de 1980.

Dentro dessa formação, “é importante ressaltar que, embora haja discordância dentro do próprio movimento feminista, os ganhos são maiores que as divergências” (Andrade, 2016, p. 69). O ato de divergir permite o levante de novos questionamentos e são eles que buscam e promovem mudanças. A mulher busca por um lugar no Brasil, constrói suas próprias trajetórias e a sua invisibilização chega a um ponto que não é mais aceita.

Fazer pesquisas relacionadas às mulheres, na tentativa de compreender seu papel no decorrer dos anos, demanda o enfrentamento de uma série de barreiras dentro do campo geográfico, uma vez que as mulheres não foram consideradas adequadas, como aponta Silva (2009, p. 26) ao dizer que “existe uma Geografia branca, masculina e heterossexual, que nega a existência de outros grupos sociais e também impede o questionamento da diversidade de saberes [...]”. Tais saberes estão dispostos nos mais variados espaços.

Deveras, a luta é árdua para que tais pesquisas sobre a dinamicidade do contexto social possam ser realizadas com leituras a partir do gênero. Desse modo:

Na abordagem geográfica, a discussão do conceito de gênero emergiu quando alguns teóricos, em sua maioria mulheres, despertaram para a necessidade de incorporar nessa ciência o componente gênero, em uma perspectiva de evidenciar que a organização social e territorial envolve diferenças consideráveis entre homens e mulheres (Silva, 2016, p. 38).

O uso da categoria gênero na Geografia permite uma série de elucidações que perpassam questões sobre homens e mulheres (Santos, 2013). A emergência de uma nova abordagem conceitual que possibilitasse novas e complexas leituras sobre o mundo geográfico nos revelou, segundo Santos (2013, p. 45), que “[...] as geografias que se configuram a partir da década de 80, abrem novas perspectivas, mas dessa vez estavam voltadas para uma reavaliação epistemológica de suas correntes de pensamentos e seus métodos”.

A busca por caminhos que permitam falar da trajetória da mulher nos mesmos instantes em que o homem também se faz presente está atrelada à necessidade de que “[...] é preciso convencer que a marginalização da mulher nos estudos históricos não implica que as mulheres tenham sido excluídas deste mesmo processo [...]” (Tedeschi, 2012, p. 107). Elas foram invisibilizadas, silenciadas.

O papel que cada uma desempenha, seja na esfera pública ou privada, permite a construção de todo um cenário. É a mulher que equilibra as armações que sustentam o processo de formação de sua família, do seu grupo/comunidade. Nessa concepção, “[...] o papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo [...]” (Santana; Benevento, 2013, p. 01).

A mudança chega tanto para as mulheres quanto para a Geografia. Santos (2013, p. 51) destaca que:

Fica evidente que ao tratarmos do feminismo na Geografia, não queremos apenas incluir as condições em que as mulheres estão submetidas nas diversas partes do mundo. Ou apenas conceituar gênero a partir do espaço. Queremos que o feminismo nos ajude a buscar respostas sobre as diversas formas em que o espaço está organizado, sobretudo, entender porque alguns povos, grupos, pessoas estão sob a tutela (em alguns casos cruéis) de outros povos/grupos/pessoas.

Nessa busca pelo entendimento das várias contrariedades que estão presentes na sociedade que inferioriza mulheres na interpretação do gênero, temos classe e raça como posições que alargam esse distanciamento existente e que dificultam, numa escala ainda maior, a inserção desses grupos/comunidades no meio social com circulação ampla e em todas as escalas e lugares.

Andrade (2016) ressalta que houve divergências dentro do pensamento feminista e, nesse sentido, podemos apontar a questão racial e de classe como parte desse cenário. Toda construção é perpassada por modulações para que se chegue a um determinado nível, e durante a construção do feminismo se tornou imensamente necessário que se fizessem leituras que contemplassem tais questões, que ditam os espaços que os grupos/comunidades ocupam na sociedade e quais papéis desempenham na mesma.

Sobre o feminismo negro, Silva (2016, p. 35) identifica que:

A base originária do feminismo negro emerge fundamentalmente no passado escravista nos Estados Unidos, expandido pelo Reino Unido e difundindo-se globalmente pautado na desconstrução do racismo e na visibilidade das mulheres negras, que sempre foram colocadas em posições periféricas, marginalizadas e subalternas, sendo, justamente essas questões, que as despertaram criticamente para enfrentar essas várias frentes diante da sociedade de classes.

Nessa (des)construção, é preciso que o movimento contemple todas as mulheres, com todas as diferenças existentes e, por isso, Santos (2013, p. 54) destaca que “[...] o espaço geográfico pode ser um importante mediador das relações de igualdade e diferença, necessitando, portanto, ser analisados de acordo com as particularidades [...]”.

O Brasil tem, em sua história, um passado em que determinado grupo exercia/exerce poder sobre outro grupo, o período escravocrata. Esse passado tem refletido arduamente no presente de pessoas que não fazem parte do grupo homogêneo que detém os poderes que governam o país.

Nesse sentido, existem inúmeras questões que são analisadas, estudadas e questionadas, buscando por outros caminhos que possibilitem uma construção em que as marcas do passado deixem de refletir na forma como esses grupos são vistos/aceitos na sociedade em geral, uma vez que “é por meio das ações espaciais concretas desempenhadas pelos seres humanos que se dão as contínuas transformações da realidade sócio espacial” (Silva, 2009, p. 48).

Considerando a pesquisa desenvolvida, que traz mulheres quilombolas como participantes, faz-se necessário elaborar algumas indagações a respeito

do lugar que elas ocupam no meio social, como assinala Silva (2016, p. 35), ao ressaltar que a mulher negra e quilombola vivencia os diferentes tipos e formas de opressão nos espaços do cotidiano.

Estando a Comunidade Quilombola Dona Juscelina inserida em um meio urbano, característica incomum, em uma cidade do Norte do seu estado, uma vez que este também se encontra na região Norte do país, na qual teve seu território apropriado por outras pessoas, temos uma leitura, a partir dessas informações, do contexto em que essa comunidade está inserida, permitindo o reconhecimento das inúmeras barreiras que cada sujeito, principalmente as mulheres, enfrenta no seu cotidiano, uma vez que “o patriarcado permanece como uma base estruturante da exploração e a apropriação das mulheres” (Cisne, 2014, p. 45).

Nessa compreensão:

As desigualdades de gênero e de raça são desafios duplos rumo a uma democracia mais inclusiva que contemple as demandas da população feminina negra. A mulher negra, em particular a quilombola, na trilha dos direitos e cidadania esbarra em uma série de empecilhos que as colocam como sujeitos de uma segunda ordem. Ainda que se insiram no âmbito da produção dos espaços públicos, quer seja no urbano ou no rural, não conseguem ultrapassar as barreiras construídas socialmente que as colocam somente como sujeitos dos espaços privados. Desse modo, as desigualdades não estão somente materializadas nas questões de ser homem ou ser mulher, mas também em uma questão étnico-racial (Silva, 2016, p. 46).

O uso do termo étnico-racial designa, de acordo com Silva (2016, p. 47) “[...] que não se trata somente de sujeitos com cor de pele diferenciada, mas também com um contexto cultural diferenciado, que se legitima por constituírem um grupo social alimentado pelos seus aspectos históricos, sociais, culturais e políticos”.

A comunidade que tem/teve uma mulher como matriarca e organiza todo um povo/comunidade anualmente para a realização do Festejo da Abolição se configura dentro dessas especificidades que Silva (2016) aborda. O uso do gênero, da classe e da raça/etnia para uma completa compreensão do espaço que um povo/comunidade ocupa permite a interseccionalidade (Crenshaw, 2002).

Tais lutas são travadas cotidianamente, com o desejo por uma nova forma de leitura da realidade e que as mudanças possibilitem uma nova organização, que tenha como fundamento principal o respeito à diversidade de cada pessoa e/ou grupo, que compreenda que essas características dão significado à existência de cada um. Essa releitura deve ser realizada a partir do entendimento de todas as estruturas que caracterizam cada povo/comunidade e cada mulher, levando em consideração que questões de gênero e étnico-raciais fazem parte de um mesmo processo de análise, que permite uma interpretação da condição da mulher negra e quilombola na sociedade (Silva, 2016).

A reivindicação que essas mulheres e a comunidade como parte de um todo fazem, repetidamente, é uma reivindicação pelo direito à própria vida (Ribeiro, 2017). Nesse seguimento, Silva (2016, p. 52) sustenta que “as desigualdades

de gênero e raça são eixos estruturantes da matriz da desigualdade social no Brasil que, por sua vez, está na raiz da permanência e da reprodução das situações de pobreza e exclusão social”.

O corpo negro, durante os anos de escravidão, foi atravessado por um cotidiano que nenhum outro corpo foi. As vivências que traz somam uma série de questões pelas quais anseia por mudança e, quando esse corpo negro é o da mulher, o ato de contar/falar sua história engloba a história de suas famílias, do seu cotidiano, das violências sofridas e/ou praticadas (Tedeschi, 2012).

As circunstâncias que estão inscritas nessas várias palavras, contadoras de histórias, que compõem a pesquisa realizada, surgem com o interesse e a necessidade da voz feminina, da visibilidade da mulher negra/quilombola da comunidade Dona Juscelina e de suas histórias. No entanto, “[...] faltam debates sobre a história das mulheres. E poderíamos nos perguntar: para que serve a história das mulheres? E a resposta viria simples, para fazê-las existir, viver e ser [...]” (Tedeschi, 2012, p. 126).

Nessa existência que o contar das histórias permite, Ribeiro (2017, p. 43) acredita que “os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contra discursos importantes, são lugares de potência e configuração de mundo por outros olhares e geografias”.

A luta para que os direitos adquiridos sejam exercidos e vivenciados têm levado as mulheres da Comunidade Quilombola Dona Juscelina a transitar por vários espaços. Quando elas adentram esses locais, são elas próprias que constroem suas histórias a partir de suas trajetórias.

A história que é escrita, desenhada, traçada e vivida por cada mulher perpassa o âmbito do privado e do público em mais de uma esfera. Essa esfera pode ser entendida como seus próprios lares, a comunidade, a cidade e assim por diante. As atividades desenvolvidas e realizadas em cada um desses espaços podem ter características diferentes e o grau de enfiamento também muda, de acordo com cada realidade feminina.

Espaços privados e públicos são aqui mencionados como os que se configuram nas relações íntimas familiares e naquelas com o Estado, respectivamente (Okin, 2008).

Nessa perspectiva, nas seções seguintes, apresenta-se essas mulheres negras e quilombolas da Comunidade Dona Juscelina, evidenciando o papel/cargo que cada uma desempenha dentro dos afazeres da comunidade.

Mulheres: protagonistas de suas histórias

O enfrentamento para que se pudesse falar das mulheres e de suas histórias na Geografia brasileira segue arduamente, uma vez que a construção desse espaço se deu por meio de tensionamentos e demanda de pesquisas realizadas que abordassem as temáticas de gênero, classe e raça/etnia (Ratts, *et al.*, 2016), provocando mudanças necessárias e indispensáveis para o campo da ciência geográfica.

O Brasil tem um passado escravocrata e, assim, é de extrema importância que as temáticas de gênero, classe e raça/etnia sejam levantadas e abordadas nesse campo de estudo com o intuito de evidenciar, de fato, o que aconteceu e acontece com esses povos e com essas mulheres. Giacomini (2013, p. 19)

destaca que “se é certo que em todas as classes de nossa sociedade a mulher é oprimida, não se pode, no entanto, esquecer que a intensidade e, sobretudo, a natureza dessa opressão são diferenciadas”.

Contar histórias é rememorar o passado, trazer leituras particulares com detalhes singulares de quem viveu/vive em sua trajetória. Nesse sentido, a história de várias outras mulheres é contada trazendo o contexto de cada época, em uma escala de vários espaços geográficos, dentro de uma interseccionalidade, em uma tentativa, imprescindível, de compreender como cada espaço está estruturado.

Antes de apresentar as mulheres participantes e protagonistas da pesquisa realizada, outras mulheres são apresentadas, demonstrando que a luta, além de árdua e contínua, é necessária e secular.

Em escala global, a partir dos escritos de Djamila Ribeiro (2020), na sua obra intitulada "Lugar de fala", a primeira mulher a ser mencionada aqui é Sojourner Truth², abolicionista afro-americana, escritora e ativista dos direitos da mulher. Em 1851, durante uma Convenção dos Direitos da Mulher em Ohio, nos Estados Unidos, Truth apresenta um discurso de improviso denominado "E eu não sou uma mulher?" (Ribeiro, 2020). Além disso, Ribeiro (2020) relata que o discurso foi registrado por Marcus Robinson, numa primeira versão do *The Anti-Slavery Bugle*, na edição de 21 de junho de 1851.

A data que esse discurso foi proferido é do século XIX. O que mudou? A população negra, principalmente a feminina, continua ocupando as áreas periféricas das cidades, dos trabalhos e, por vezes, do conhecimento; e seus filhos continuam sendo vítimas do Estado.

Em nível nacional, trazemos nomes de feministas negras como Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Jurema Werneck, Carla Akotirene, Joice Berth e Juliana Borges, que desenvolvem estudos e pesquisas nas áreas de gênero, raça, classe, racismo, sexismo e interseccionalidade, com atuações tanto em nível nacional quanto internacional, ocupando cargos públicos e/ou governamentais.

Como a pesquisa foi desenvolvida com mulheres negras e quilombolas, menciono aqui o nome de (outras) mulheres quilombolas em uma escrita de contexto nacional que participaram da obra intitulada "Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas", organizada por Selma dos Santos Dealdina, lançado no dia 24 de outubro de 2020 pela Editora Jandaíra.

O livro tem o "Selo Sueli Carneiro"³ e, além de ser organizado por Selma Dealdina, traz, em sua contracapa, o texto de Djamila Ribeiro e Flávia Oliveira com escritos de orelha. A obra conta com escritos de dezoito autoras pesquisadoras acadêmicas, poetisas, ativistas de movimentos sociais e integrantes de instituições que atuam nas muitas causas pertinentes aos povos quilombolas (Jandaíra, 2020).

2 “Nascida em um cativo em Swartekill, em Nova York, Isabella Baumfree decidiu adotar o nome de Sojourner Truth a partir de 1843” (Ribeiro, 2020, p. 18).

3 “O objetivo do Selo Sueli Carneiro é potencializar a publicação de produções literárias negras brasileiras, bem como a tradução de produções estrangeiras, valorizando obras produzidas por mulheres, em especial negras, indígenas, LGBTQI+, latinas e caribenhas. Ver uma pauta tão urgente como a quilombola fazer parte desta coleção é um empreendimento inédito e pioneiro” (Dealdina, 2020, p. 14).

Toda mulher negra reexiste. Toda mulher negra e quilombola reexiste. Esse é um ato que faz parte de todas as suas construções como pessoas, desde sempre. Trazer o discurso de Truth do século XIX, trazer nomes de autoras feministas negras brasileiras, trazer a obra organizada por Dealdina, com escritas de mulheres quilombolas, tem como objetivo visibilizar cada mulher, evidenciar o quão grande são essas trajetórias de re-existências e, posteriormente, trazer o nome das mulheres protagonistas da Comunidade Quilombola Dona Juscelina. Dealdina (2020, p. 14) assevera que:

É preciso expressar nossas narrativas múltiplas para que as pessoas saibam quem somos, o que pensamos, o que produzimos em nossos territórios, assim como nosso modelo de lidar com a terra, com o meio ambiente, com as ervas medicinais, com as sementes, com a devida salvaguarda dos nossos saberes e dos nossos conhecimentos ancestrais.

A mulher negra, em muitos dos espaços hegemônicos, ainda não consegue estar sempre nos melhores lugares. Parafraseando Sojourner Truth, em seu discurso mencionado anteriormente, mas a mulher negra tem criado seu espaço e, junto de suas companheiras, vem ocupando lugares melhores.

Assim, vozes que foram factualmente emudecidas encontram espaço nesta pesquisa para compartilhar saberes, a partir de suas perspectivas quilombolas e das atividades que realizam e/ou desenvolvem dentro e fora da Comunidade Quilombola Dona Juscelina.

A luta contínua: mulheres da Comunidade Quilombola Dona Juscelina

Um grupo, uma comunidade ou uma associação são organizados e presididos por pessoas, mulheres e homens que, juntos, fortalecem suas lutas na busca de direitos e benefícios para o seu povo e, na comunidade Dona Juscelina, além de todas as barreiras estruturais e institucionais existentes, que requerem um enfrentamento diário, a luta pela terra tem sido a maior e mais difícil delas.

Por conseguinte, apresento os nomes das mulheres e dos homens da comunidade e qual a função/cargo que ocuparam e/ou desempenharam, nos anos de 2019 e 2020, salientando que a pesquisa se faz com as mulheres, a partir de suas narrativas e trajetórias. Os homens estão presentes nesse meio e, junto das mulheres, estão presentes também nos espaços de liderança, por esse motivo alguns são apresentados. O primeiro nome a ser apresentado é Lucelina Gomes dos Santos, cujo nome social é Dona Juscelina, nomeando também a comunidade da qual é/foi matriarca. Essa mulher evidenciou, em seus relatos, uma rica trajetória que antecede a formação do quilombo e que se intensifica quando chega à cidade de Muricilândia-TO.

A matriarca Dona Juscelina compôs, junto com outras mulheres e homens, o Conselho de Griôs da comunidade, sendo este composto por três mulheres e quatro homens que são, respectivamente: Cícera Vieira Almeida⁴, Rosa Mírtes

⁴ Com tristeza, enquanto esta pesquisa ainda estava em curso, a Griô Cícera Vieira Almeida faleceu, em 04 de março de 2021, na cidade de Araguaína-TO.

Pereira de Souza, Lucelina Gomes dos Santos, Geraldo Delmondes Ferreira, Manoel Pereira Borges, Conceição Viana da Silva e Carlindo Pereira da Silva⁵. Vale ressaltar que, na ocasião desta pesquisa, pretendeu-se evidenciar o papel apenas das mulheres na/da comunidade e que, atualmente, o Conselho se encontra com outra estrutura organizacional, em consequência do falecimento de alguns membros.

De acordo com Souza (2012), o Conselho de Griôs permite que as características que dão singularidade à comunidade e todos os seus saberes sejam guardados por eles, e que, no momento certo, estes são repassados para os mais novos com o intuito de que sejam também guardiões e que compreendam sua importância e o valor de cada luta, sejam elas individuais e/ou coletivas.

O Conselho de Griôs teve sua formação a partir do momento em que foi instituída a Associação da Comunidade Quilombola Dona Juscelina (ACQDJ) (Oliveira, 2018). Com essa necessidade de preservação dos costumes, o momento de troca de saberes é realizado pelos espaços que integram a comunidade, em que os Griôs compartilham seus conhecimentos com os jovens que fazem parte do Coletivo de Juventude Griôs Aprendizes.

Oliveira (2018) discorre em seus escritos sobre a comunidade, indicando que no mês de abril de 2018 foi realizado o I Encontro de Griôs e Juventude. O Coletivo conta com uma comissão organizadora composta por Amária Campos de Sousa, Mayra Chaves Borges, Silvânia Gomes Ferreira, Ludimila Carvalho dos Santos, Maria Idelvânia Ferreira Tupinambá e Monaliza Borges de Almeida.

Fundada no ano de 2010, a ACQDJ tem, em seu histórico, mulheres ocupando o cargo de presidentas. A primeira mulher a ocupar o cargo foi a matriarca Dona Juscelina; seguida de sua sobrinha Francisca Gomes dos Santos Silva; sua neta, Lucilene Gomes Nascimento; e, no momento em que esta pesquisa se fez, Erisvelto Brito dos Santos foi o primeiro homem a ocupar esse cargo, durante o biênio 2019-2020. Contudo, para o biênio 2021-2022, a matriarca retornou ao cargo de presidenta da associação, por meio de eleições. Após seu falecimento, Manoel Filho Borges assumiu o cargo, uma vez que, além de ser o vice-presidente, era tido pela matriarca como o seu braço direito.

O Festejo da Abolição, que é realizado anualmente no mês de maio, com a participação de instituições públicas e privadas, pela Comunidade Dona Juscelina, conta com apresentações de dança do grupo Negras Mariamas, lideradas por Ana de Jesus Brito de Abreu. É um grupo formado apenas por mulheres, que trazem em seus passos o gingado do ser quilombola. Betânia Vieira da Silva é a mulher quem coordena a percussão da bateria durante o trajeto realizado na Alvorada ao amanhecer e o Cortejo da Rainha ao anoitecer, sendo que essa atividade é realizada no Festejo, no mesmo dia do Teatro da Abolição.

Ludimila Carvalho dos Santos é uma mulher jovem que coordena/coordenou as atividades do grupo Núcleo de Estudos Afro-Quilombolas (NEAQ), constituído na Escola Estadual de Muricilândia-TO.

⁵ No dia 27 de abril de 2022, o Griô Carlindo Pereira da Silva faleceu na cidade de Araguaína-TO.

Do Ontem ao Amanhã: Protagonismos Femininos e Especialização de suas Atividades no/do Quilombo Dona Juscelina

Em suas trajetórias, Ludimila apresenta e representa a comunidade em espaços externos, tanto nos limites municipais e estaduais quanto nos nacionais. Podemos observar melhor no quadro 01 a relação dos nomes das mulheres quilombolas participantes desta pesquisa e sua atuação dentro da comunidade.

Quadro 01 – Mulheres: protagonistas de suas histórias

Protagonista	Cargo/Papel/Função
Lucelina Gomes dos Santos	Matriarca
Lucelina Gomes dos Santos Cícera Vieira Almeida Rosa Mírtes Pereira de Souza	Conselho de Griôs
Amária Campos de Sousa Mayra Chaves Borges Silvânia Gomes Ferreira Ludimila Carvalho dos Santos Maria Idelvânia Ferreira Tupinambá Monaliza Borges de Almeida	Coletivo de Juventude Griôs Aprendizes
Lucelina Gomes dos Santos Francisca Gomes dos Santos Silva Lucilene Gomes Nascimento	Presidentas da ACQDJ
Ana de Jesus Brito de Abreu	Negras Mariamas
Betânia Vieira da Silva	Coordenadora da Percussão/Bateria
Ludimila Carvalho dos Santos	Espaços Externos - NEAQ

Fonte: as autoras, 2020.

A construção de uma narrativa na qual alguém se coloca como parte principal e/ou ocupa o papel principal requer esforço, dedicação e uma luta diária. Logo, o papel principal permite que esse alguém seja protagonista. Ser protagonista possibilita que se desempenhe papéis de suma importância para que, no final de cada acontecimento, tudo ocorra bem como sendo parte de um todo.

O executar da atividade de cada mulher que foi mencionada no início deste tópico permite que, ao mesmo tempo em que lutam pelas questões referentes à Comunidade Quilombola Dona Juscelina, as mulheres escrevam suas próprias histórias, desenhem suas trajetórias e protagonizem um conhecimento que será vivenciado por todas/os que fazem parte da comunidade. Mesmo quando estão sozinhas, todas estão com ela.

No item seguinte, as atividades e as contribuições das mulheres, tanto para a formação individual quanto para a coletiva, são abordadas com o intuito de compreender seus enfrentamentos nessa sociedade e especializar seus papéis desempenhados no Quilombo Dona Juscelina.

Trajетórias das protagonistas e espacialização de suas atividades

Movimentar-se permite uma série de mudanças em inúmeros locais, cada ato ou cada passo tem uma explicação, um desejo, uma necessidade. Movimentar-se pode estar associado com o ato de deslocar-se ou não, pode ser entendido e compreendido de acordo com as intencionalidades de cada sujeito, grupo ou comunidade.

As construções femininas dentro da comunidade e suas funções permeando os espaços públicos e privados possibilitam a compreensão de suas trajetórias espaciais e a espacialização de suas atividades.

São trajetórias espaciais perpassadas por longas e necessárias reconstruções, que se refazem ao longo de cada dia, cada passo, cada individualidade e coletividade (Santos; Ratts, 2015). Cirqueira (2008, p. 21) considera que “em linhas gerais, trajetória socioespacial envolve a história de vida dos indivíduos, suas experiências dentro de uma temporalidade e uma espacialidade que não possuem uma constituição linear e contínua”.

Assim, a construção e a vivência da trajetória da Comunidade Dona Juscelina se constroem e se fortalecem a partir do conhecimento de cada pessoa que a compõe, a partir de cada memória e de cada história.

Aqui trazemos Betânia Vieira da Silva, que é quilombola e coordenadora da percussão da bateria da Comunidade Dona Juscelina. Nascida em outubro de 1976, em Muricilândia-TO, ela traz em seus relatos as vivências que constroem a comunidade ao dizer que:

Eu fui crescendo e vendo Dona Juscelina, vendo ela pegando aquelas crianças, vendo ela com essa festa que ela faz que é uma festa de homenagem aos negros né. Inclusive ela contava quando a gente era criança, a gente gostava de ir pra casa dela ouvir as histórias que ela contava, e ela contava muito sobre a história dela, do tio dela, de quando o tio dela entregou essa festa pra ela lá no Maranhão, daí ela trouxe a festa para o Tocantins. Aí ela contando essas histórias pra mim né, e um dia tava faltando né uma pessoa na bateria daí eu fui bater, e assim, e gostei, e continuei batendo.

Mas aí né, esse gostar por a bateria vem do meu pai também que meu pai é um Griô da Comunidade Dona Juscelina, um quilombola seu Conceição Viana da Silva, têm também a tia Cícera que também é uma Griô, ela é bastante conhecida aí na UFT, ela já teve aí dando palestras né. (Protagonista Betânia, 44 anos, entrevista cedida em 21 de outubro de 2020).

Na fala da quilombola, percebemos como são feitas as trocas de conhecimento e como um grupo se alia e fortalece o outro. Betânia fala da sua proximidade e da proximidade de sua família com a matriarca, fala da importância que a mesma tem para si e para a construção da comunidade, e ressalta que seu pai é Griô da comunidade e que herdou dele o gosto pela bateria. É com entusiasmo e orgulho que ela narra toda essa trajetória e construção.

[...] eu vi que quando eu comecei a participar dessa percussão só era

Elaine da Silva Sousa, Marcileia Oliveira Bispo

eu de mulher, não tinha mulheres, as mulheres não queriam, e aí só era mais era homem né. Daí eu gosto mesmo é daquele bumbo grande mesmo, do grande, eu gosto é do grande e eu percebi que o ano passado muitas meninas me procuraram, muitas meninas quilombolas, as jovens né quilombola do Quilombo Dona Juscelina me procuraram querendo fazer parte dessa percussão né, diz que achava muito bonito o jeito né que eu participava, que eu batia aí eu: "que bom, que maravilha né que de uma forma ou de outra eu despertei né aquela curiosidade né e aquela vontade assim delas estar próxima ao quilombo, próxima a percussão". (Protagonista Betânia, 44 anos, entrevista cedida em 21 de outubro de 2020).

Observar e entender o papel que Dona Juscelina desempenha dentro da comunidade fez com que o desejo de participar ativamente das atividades desenvolvidas na comunidade colocasse Betânia dentro da bateria e se tornasse coordenadora da mesma, e isso deu possibilidade para que outras mulheres encontrassem nela uma resistência para estar e permanecer nesse lugar, um lugar que tinha em sua maioria homens. Vemos aqui, claramente, um relato do seu empoderamento que permite que outras mulheres, mais jovens, adentrem esse espaço.

Tudo isso não é só sobre ocupar um espaço; é sobre ocupá-lo e permanecer nele. É sobre abrir a porta para que outras mulheres possam entrar e crescer numa coletividade, em um processo de fortalecimento no qual uma ajuda/ampara/levanta a outra, quando necessário.

A Griô Cícera Vieira de Almeida, nascida em janeiro de 1951, na cidade de Guardalupe-PI, relata que quando chegou a Muricilândia-TO com sua família tinha meses de vida e que logo sua mãe veio a falecer. Dona Cícera carregava em sua memória detalhes do processo de construção da cidade/quilombo.

Eu considero a Dona Lucelina como uma mãe, uma pessoa importante pra nós aqui, ela foi uma pessoa muito batalhadora, ela chegou aqui não tinha nada nem a estrada daqui pra Araguaína, era só a picadinha, e ela ajudou seu João Paulino a fazer a picada, ajuntou os homens e roçaram, aí depois pediram o carro, aquelas máquina e aí limparam, foi um processo muito grande, muito trabalhoso, foi muito importante e ela fazia parto, e ela orientava as pessoas. Toda vida ela foi assim uma pessoa dedicada, prendada assim com o povo e hoje ela já tá velhinha, eu também já tô idosa, magrinha e ela também, mas ela é aquela pessoa maravilhosa. (Griô Dona Cícera, 69 anos, entrevista cedida em 20 de outubro de 2020).

Além de Griô da comunidade, Dona Cícera também é/era conhecedora de ervas medicinais. Ela tem/tinha em seu quintal uma diversidade de ervas medicinais que atendem/atendiam a uma série de doenças e sintomas.

O grupo de dança Negras Mariamas, mencionado anteriormente, é um grupo composto somente por mulheres que realiza apresentações nas festividades da comunidade. A quilombola Lucilene Gomes do Nascimento, de 34 anos, fala sobre o a origem do grupo:

Olha as Mariamas, a gente surgiu, o Manoel Filho surgiu com essa música e até então a gente formou o grupo e eu mais a minha irmã tomemos de conta, dançava, rodava a baiana, era muito bom [...]. As Mariamas é formado sempre por pessoas mais de idade não tem adolescente, agora que entrou umas adolescentes, mas mais era pessoas da raiz. Então as Mariamas chegou na hora certa dentro da comunidade, hoje quem dirige ele é a minha tia Ana, e até hoje estão lá fazendo apresentações de comunidade, em cidade. (Protagonista Lucilene, 34 anos, entrevista cedida em 20 de outubro de 2020).

Ter um grupo de dança formado apenas por mulheres numa comunidade quilombola nortista que tem uma mulher como a maior liderança nos permite compreender e dizer que, apesar de todas as desigualdades e barreiras impostas pelo sistema patriarcal racista que permeia os limites territoriais e sociais desse país, as mulheres têm construído seus espaços e lutam por eles todos os dias.

A jovem quilombola Ludimila Carvalho dos Santos, que começou a participar de eventos em instituições federais aos 12 anos, estando presente em espaços públicos e privados, uma vez que é também uma liderança jovem em sua comunidade, fala um pouco sobre sua trajetória e sua história, em face da militância:

É uma história que vem de muito antes, ela vem da África, chega ao cativo, sai do cativo e continua resistindo. [...] tive o prazer de lutar do lado de companheiros do MST, do MAB, de movimentos nacionais do movimento estudantil, tanto secundarista como universitário. Então assim são oportunidades que a luta quilombola tem espaço, tem também os movimentos quilombolas que tem a CONAQ que é nacional, tem a COEQTO, tem a Fundação Cultural Palmares que é uma instituição governamental. São lugares que a gente conseguiu alcançar né e quando eu falo 'a gente' é porque o Quilombo Dona Juscelina chegou até aí. Eu acho que um espaço assim marcado é a Marcha Lula Livre que aconteceu e que eu tive a oportunidade de estar junto e levar o Quilombo Dona Juscelina. A luta da Ludimila, ela continua e não tem prazo de validade, é só perpetuar e passar pra outras pessoas e o interessante é que essa luta vai agregando várias pessoas né, a gente vai construindo diálogos, outros jovens se levantam, outras vozes começam a falar, elas começam a revoltar com as condições e assim, a gente luta pra isso e nós precisamos que as nossas crianças deem continuidade, e assim como os nossos mais velhos, os nossos Griôs, eles querem e eles entendem que a juventude ocupem seus espaços, a juventude se ocupa de ter o cuidado com as nossas crianças porque precisam ser crianças que cresçam nessa construção de identidade principalmente. (Protagonista Ludimila, 17 anos, entrevista cedida em 14 de agosto de 2020).

Vemos, nessas palavras, um percurso e uma trajetória construída desde muito cedo, que são importantes para a protagonista e também para aquelas e

Do Ontem ao Amanhã: Protagonismos Femininos e Espacialização de suas Atividades no/do Quilombo Dona Juscelina

aqueles que vêm depois dela. Ter exemplos e se tornar exemplo de luta, de resistência, ser militante enquanto mulher e mulher quilombola revela na protagonista uma grande liderança.

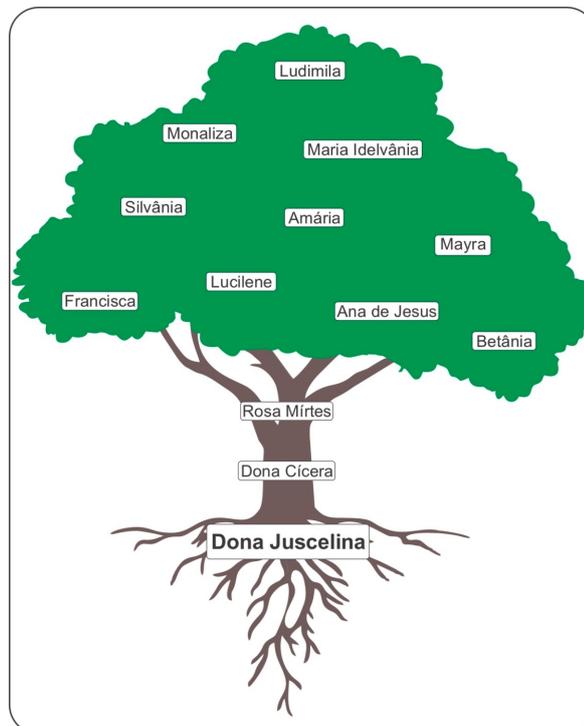
São as trajetórias de cada uma que fortalecem todas do grupo e/ou da comunidade, são os exemplos que fazem com que cada uma lute por toda uma coletividade e em benefício de uma conquista mais ampla. No entanto, Amária Sousa, Debóra Lima e Maria Aparecida Sousa (2020, p. 91) que são mulheres quilombolas do estado do Tocantins, enfatizam que:

Ao assumirmos posições de liderança, nos tornamos uma vez mais alvos do machismo, expostas a mais cobranças, críticas e ameaças. Contudo, apesar do papel que exercemos e dos riscos que corremos, nossa invisibilidade é gritante. Quando se fala em quilombo, pouco é dito sobre as mulheres quilombolas, apesar de a maior parte dos quilombos ser liderada por elas. Essa invisibilidade da presença feminina no quilombo se transpõe para os outros espaços que frequentamos, por exemplo as universidades, lugar em que as mulheres quilombolas enfrentam diversas dificuldades.

Mesmo com todas essas dificuldades, as mulheres quilombolas seguem resistindo, conquistando e ocupando seus espaços. Cada atividade que o quilombo realiza, cada símbolo presente na comunidade, cada trajetória que construiu e constrói a Comunidade Dona Juscelina são exemplos de resistência, de ressignificações, de novas leituras e lutas travadas.

A figura 01 permite uma leitura de como ocorre a organização das mulheres dentro da comunidade, a partir dos direcionamentos da matriarca Dona Juscelina.

Figura 01 – Espacialização das atividades femininas no/do Quilombo Dona Juscelina



Fonte: as autoras, 2020.

Elaine da Silva Sousa, Marcileia Oliveira Bispo



Essa organização é construída a partir de uma árvore e faz referência a uma mangueira localizada em um espaço onde será construída a sede do quilombo, no qual a mangueira é apresentada como uma árvore sexagenária⁶ e um dos mais importantes símbolos locais para a comunidade. No dia 24 de julho de 2020, sofreu a tentativa de derrubada por parte das lideranças da Associação do quilombo do biênio 2019-2020, como sendo uma tentativa de destruição do patrimônio ancestral da comunidade e um ataque direcionado à matriarca Dona Juscelina.

A matriarca, sendo a maior de todas as lideranças da comunidade, em uma de suas visitas à Fundação Cultural Palmares em Brasília, segundo as suas narrativas, em conversa com o presidente da fundação acerca das dificuldades e enfrentamentos de sua comunidade, explicando e esclarecendo eventuais descompassos, escuta-o dizer: “olha, aqui está seu rastro não tem quem passa na frente, 'você é a raiz!’” (Matriarca Dona Juscelina, entrevista cedida em 05 de março de 2020, grifo nosso). Dona Juscelina sempre foi e é a maior de todas as lideranças.

Pelo que foi exposto no esquema apresentado, a matriarca como a maior das lideranças aparece como sendo a raiz da comunidade. Como também são Griôs Dona Cícera e Rosa Mirtes, que aparecem logo em seguida da matriarca. Essas mulheres são guardadoras dos saberes ancestrais da comunidade e são detentoras de conhecimentos que foram passados de geração em geração. Junto à matriarca, dão estrutura para toda a comunidade e garantem a permanência de suas tradições.

A partir dos ensinamentos das mais velhas, temos as ex-presidentas da ACQDJ Francisca e Lucilene, sobrinha e neta da matriarca, respectivamente, que ocuparam esse cargo e atenderam, por um período, os interesses da matriarca e da comunidade. Lucilene afirma que sempre exerceu sua função, de acordo com os ensinamentos de sua avó, e que sempre buscou atender aos seus anseios.

Ana de Jesus e Betânia são mulheres que contribuem sempre com as festividades da comunidade. Conduzem seus grupos e dão embalo e movimento durante as apresentações, pois compreendem a importância e a necessidade de sempre manter vivos os costumes locais.

A comissão organizadora do Coletivo de Juventude Griôs Aprendizizes é apresentada na parte superior da copa da mangueira. São jovens que reconhecem a importância de suas lutas, de se reconhecerem enquanto quilombolas e darem prosseguimento às lutas de suas/seus mais velhas/os. Dentre as diversas atividades que essas mulheres desenvolvem, a mais importante delas é respeitar os conhecimentos que vieram antes delas, obedecendo às vozes experientes de suas Griôs e de sua matriarca e sabendo que toda decisão deve ser comunicada à matriarca, antes de ser colocada em prática.

Monaliza, liderança feminina quilombola, participante do Coletivo de Juventude Griôs Aprendizizes, enfatiza que a matriarca sempre tem que aprovar, por exemplo, as roupas da rainha e da princesa que serão usadas durante o Teatro

6 “No último dia vinte e quatro (24) de julho, véspera do dia Nacional de Tereza de Benguela e dia Internacional da Mulher Latino-americana e Caribenha, ocorreu no quilombo a tentativa de derrubada de uma árvore sexagenária, uma mangueira, que é um dos mais importantes símbolos locais assim como o muricizeiro, árvore que deu-se o nome do município [...]”. Disponível em: <https://www.brasilpopular.com/deixem-a-mangueira-em-pe-quilombolas-defendem-seus-territorios-simbolicos-no-norte-do-tocantins/>. Acesso em: 17 fev. 2021.

da Abolição. Percebemos que esses são atos de reverência pela matriarca, em respeito pela pessoa e liderança que é dentro do quilombo.

Ludimila Carvalho dos Santos é a mais jovem dentre as lideranças do Quilombo Dona Juscelina e desde muito cedo iniciou sua vida na militância. Ela é uma jovem de imensa sabedoria que sempre carrega os saberes e a experiência dos mais velhos como sinal de respeito, reconhecimento e continuação da luta secular de seu povo. Ela participa de eventos nacionais, reafirma sua luta e identidade por meio da fotografia, escreve e recita poemas em olimpíadas e é premiada, juntamente com seu grupo, ao levar a história de sua comunidade por meio de documentário, para a Olimpíada de Língua Portuguesa em novembro de 2019.

A jovem tocantinense e quilombola Mayra Chaves Borges, visitadora do Programa Criança Feliz (PCF) no município de Muricilândia-TO e também integrante da comissão organizadora do Coletivo de Juventude Griôs Aprendizes, foi premiada pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal e pela Bernard Van Leer Foundation por adequadas práticas de visitação em tempos de pandemia.

Com o exposto, compreendemos e afirmamos que as mulheres da comunidade estão sempre em movimento, ocupam seus espaços e desenvolvem atividades nas esferas públicas e privadas, relacionadas ou não com a sua comunidade, sempre buscando a preservação de suas tradições e com respeito àquelas que vieram antes delas.

Faz-se necessário mencionar que todas as lideranças apresentadas, dentre aquelas com quem foi possível estabelecer comunicação, comentam não terem ligações através de laços sanguíneos com a matriarca. Algumas, quando Dona Juscelina chegou, já residiam em Muricilândia-TO. Há outras cujas famílias chegaram após a família de Dona Juscelina.

Naquela época, as dificuldades, os desejos e as necessidades de melhorias uniram essas famílias. Em conjunto, organizaram-se e construíram seus espaços, seus territórios e suas identidades; e continuam reconstruindo. Tanto as pessoas que já moravam na localidade quanto as que chegaram depois reconhecem, em Dona Juscelina, uma grande liderança.

Considerações finais

O conhecimento é adquirido diariamente, e esse campo é ampliado quando se tem a possibilidade de adentrar outros espaços, em um processo contínuo de construir e reconstruir. Todo conhecimento adquirido pelas mulheres participantes desta pesquisa reflete diretamente em suas existências e é uma forma de resistir como mulheres que desempenham necessários papéis dentro e fora da comunidade.

Por tudo isso, reforçamos o quanto a união dos conhecimentos e as trocas de saberes são agentes transformadores de realidade e promovem novas e justas leituras de si, para si e para os outros. Esses processos são construídos em seu próprio tempo, de acordo com as necessidades, dores, vivências e lutas de cada mulher.

Afirmamos e reafirmamos que as mulheres da Comunidade Quilombola Dona Juscelina são construtoras de suas próprias histórias e trajetórias. Perante inúmeras barreiras e lutando sempre por sua comunidade, elas são detentoras de

Elaine da Silva Sousa, Marcileia Oliveira Bispo



conhecimentos e vivências riquíssimas.

A espacialização de suas atividades dentro e fora da comunidade demonstra que as mulheres estão, desde as mais velhas até as mais jovens, inseridas no contexto de liderança no quilombo. A luta e a permanência de uma possibilitam que muitas outras enfrentem as dificuldades e possam integrar tais espaços.

Nessa perspectiva, as identidades e territorialidades que são construídas, a partir dos cargos ocupados, são resultados de processos realizados ao longo do tempo dentro da comunidade e que, agora permitem que essas mulheres se coloquem nesses espaços.

Referências

ALVES, Branca Moreira; PINTANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ANDRADE, Antônia Lenilma Meneses de. **Mulheres Quilombolas – movimento, lideranças e identidade**. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade Federal do Pará, 2016.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Trajetória sócio-espacial de estudantes negros/os da Universidade Federal de Goiás**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

CISNE, Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos de discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão/UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, v. 7, n. 12, p. 171-188, 2002.

DEALDINA, Selma dos Santos (Org). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e Escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

JANDAÍRA, Editora. **Convite de lançamento do livro Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. DEALDINA, Selma dos Santos (Org.). São Paulo, 2020.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-332, 2008.

OLIVEIRA, Izarete da Silva de. **Território e Territorialidade nos Limites do Rural e Urbano na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia – TO**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018.

RATTS, Alecsandro (Alex) J. P.; COSTA, Benhur Pinós da; SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento; SILVA, Susana Maria Veleda. Geografia e Diversidade: gênero, sexualidades,

etnicidades e racialidades. **Revista da ANPEGE**, v. 12, n.18, p. 223-238, especial GT Anpege, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SANTANA, Vagner Caminhas; BENEVENTO, Claudia Toffano. O conceito de gênero e suas representações sociais. **EFDeportes**, Buenos Aires, v. 17, n, 176, janeiro. 2013.

SANTOS, Gleys Ially Ramos dos. **Mulheres em Movimento: os limites do espaço e do gênero em face do movimento de mulheres trabalhadoras rurais no Tocantins**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

SANTOS, Mariza Fernandes dos; RATTS, Alex. Trajetórias negras e discentes no espaço acadêmico: o quadro da Universidade Federal de Goiás diante das Ações Afirmativas. **Revista Educere et Educare**, v. 10, n. 20, 2015.

SILVA, Joseli Maria. (Org.) **Geografias Subversivas**. Discurso sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVA, Raimunda Patrícia Gemaque da. **O Lado Feminino do Quilombo: o território quilombola sobre o enfoque de gênero nas comunidades de Boa Vista e Moura, em Oriximiná-PA**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia – Porto Velho, 2016.

SOUSA, Amária Campos de; LIMA, Débora Gomes; SOUSA, Maria Aparecida Ribeiro de. Da comunidade à universidade: trajetórias de luta e resistência de mulheres quilombolas universitárias no Tocantins. *In*: DEALDINA, Selma dos Santos (Org). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. **Quilombos: identidade e história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica**. Dourados: UFGD, 2012.

Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Elaine da Silva Sousa: Conceituação, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Visualização, Escrita (primeira redação).

Marcileia Oliveira Bispo: Conceituação, Análise Formal, Metodologia, Escrita (revisão e edição).

Recebido em 20 de fevereiro de 2023.

Aceito em 07 de agosto de 2023.

Elaine da Silva Sousa, Marcileia Oliveira Bispo

